

Espaços-tempos da Infância Terena: do quintal de casa à escola indígena¹

Naine Terena de Jesus²

Recibido: 1 de marzo de 2017 / Aceptado: 13 de julio de 2017

Resumo. Este artigo traz informações sobre os espaços da infância do povo indígena Terena, sob a perspectiva de professores Terena da Aldeia Limão Verde, localizada no município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul (Brasil). O texto é resultado de imersão realizada durante as pesquisas de campo do doutorado, onde utilizou-se a pesquisa participativa como método de coleta de dados. Durante a pesquisa, foi realizada a aplicação de questionários, entrevistas gravadas e visitas à escola municipal indígena Lutuma Dias. Desta forma, este texto reúne parte do material utilizado na construção da tese de doutorado e neste momento, busca apresentar como os professores definem os espaços-tempos da infância da criança Terena. Para isso utilizamos das narrativas coletadas durante a pesquisa de campo. Além das informações obtidas junto aos professores, utiliza-se as observações anotadas em caderno de campo e referenciais teóricos que auxiliam na problematização das diferentes infâncias, em especial a indígena, a fim de levar ao leitor uma das diversas infâncias existentes, proporcionando argumentos para a problematização do local da infância na estrutura social de cada povo e das instituições voltadas as crianças.

Palavras-chave: Indígenas; Terena; Mato Grosso do Sul; Brasil; infâncias.

[es] Espacios-tiempos de la infancia Terena: del patio de casa a la escuela indígena

Resumen. Este artículo ofrece información sobre los espacios de la infancia del pueblo indígena Terena, bajo la perspectiva de los profesores Terena de la aldea Limón Verde, localizada en el municipio de Aquidauana, en el estado de Mato Grosso do Sul (Brasil). El texto es el resultado de la inmersión realizada durante el trabajo de campo para el doctorado en educación concluido en el año 2014. A través de la aplicación de cuestionarios, entrevistas grabadas y visitas a la escuela municipal indígena Lutuma Dias, este texto reúne parte del material utilizado en la construcción de la tesis de doctorado y busca presentar cómo las narrativas de los profesores indígenas construyen los espacios-tiempos de la infancia de los niños Terena. Además de las informaciones recogidas de los profesores, se utilizan las observaciones anotadas en el cuaderno de campo y las referencias teóricas que ayudan a la problematización de las diferentes infancias, en especial la indígena, a fin de acercar al lector a una de las diversas infancias existentes, proporcionando argumentos para la problematización de lo local en la estructura social de cada pueblo y en las instituciones dirigidas a los niños.

Palabras clave: Indígenas; Terena; Mato Grosso do Sul; Brasil; infancias.

¹ Fonte financiadora: PNPd Capes.

² UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) (Brasil)
E-mail: naineterena@hotmail.com

[en] Terena Childhood Spaces-Times: from Home Yard to Indigenous School

Abstract. This article presents information about the children's spaces of the Terena indigenous people, from the perspective of the Terena teachers of the small village of Limão Verde, located in the municipality of Aquidauana, state of Mato Grosso do Sul (Brazil). The text is a result of the immersion carried out during the field research of the doctorate in education completed in the year 2014. Through the application of questionnaires, recorded interviews and visits to the indigenous municipal school Lutuma Dias, this text gathers part of the material used in the formulation of the thesis and at this moment aims at presenting how the narratives of the indigenous teachers construct the space-times of childhood for the children Terena. In addition to the information collected with the teachers, the observations noted in a field book were used together with theoretical references that help in the problematization of different childhoods, especially the indigenous ones, with the aim of bringing the reader closer to one of the several existing childhoods, providing arguments for the problematization of the local dimension of childhood in the social structure of each village and of the institutions aimed at children.

Keywords: Indigenous peoples; Terena; Mato Grosso do Sul; Brazil; childhood.

Sumario. 1. Introdução. 1.1. A Criação da Aldeia Limão Verde. 2. Educação indígena e a Infância entre os Terena. 3. Considerações Finais. 4. Referências bibliográficas.

Agradecimientos. Fonte financiadora: PNPd Capes.

Cómo citar: Jesus, N. T. de (2017): Espaços-tempos da Infância Terena: do quintal de casa à escola indígena, *Sociedad e Infancias*, 1, 107-125.

1. Introdução

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - Senso 2010)³, o povo Terena conta com cerca de 28.845 pessoas vivendo em aldeias e em cidades brasileiras. Este mesmo Senso aponta os indígenas da etnia Terena como sendo o povo com maior número de indivíduos residindo fora das aldeias indígenas (9,6 mil)⁴ do Brasil.

Os Terena tem uma histórica de ocupação territorial que abrange a região do Chaco brasileiro e paraguaio, tendo entre os séculos XVIII e XIX se instalando na região do atual município de Miranda, Mato Grosso do Sul (Oliveira, 1960: 73). Com a guerra do Paraguai, as famílias deste povo começaram a se refugiar nos morros existentes entre a localidade de Taboco e a cidade de Aquidauana, por serem locais de difícil acesso das tropas paraguaias.

Devido à fuga para a região de murraria, os territórios pertencentes ao povo Terena foram doados ou vendidos a latifundiários pelo Governo brasileiro, um dos grandes motivos que influenciaram no deslocamento de famílias para as zonas urbanas, e hoje reflete na luta pela demarcação de terras.

³ <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&view=noticia>, acessado em 02/07/2014

⁴ <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&view=noticia>, acessado em 02/07/2014.

Outro aspecto deste povo, que pertence ao tronco linguístico Aruak, é o forte perfil comerciante e mercantilista, que incentivou a sua movimentação no território nacional para a realização de relações comerciais.

Atualmente o povo Terena mantém vários dos seus traços e costumes tradicionais, mesmo tendo assimilado elementos da cultura dos não indígenas e de outros povos indígenas com quem tem convivido. Dentre os traços mais importantes de sua cultura, estão a habilidade com a agricultura, a língua, as danças tradicionais e sua organização social.

Na atualidade ocupam cerca de sete municípios do estado de Mato Grosso do Sul e o que se constata é a grande variação nas formas de vida de cada aldeia, já que existe uma adaptação ao contexto em que estão inseridos. Podemos exemplificar essa adaptação, com o caso de aldeias onde as plantações são poucas. Isso por que as áreas não apresentam terras férteis ou espaço suficiente para a manutenção da agricultura Terena. De forma geral, outras atividades de subsistência foram sendo adotadas, como o serviço público, o exército (para os homens), trabalhos em fazendas, entre outros.

Apresentadas as informações iniciais sobre o povo Terena, ressalta-se que as dados que movimentam este artigo foram coletados durante o doutorado em educação, cuja pesquisa foi desenvolvida no município de Aquidauana - Mato Grosso do Sul. A pesquisa de doutorado teve como objetivo averiguar a utilização de tecnologias de comunicação e informação na escola indígena Lutuma Dia, compreendendo a sua importância para o ensino das disciplinas específicas à cultura Terena. Desenvolveu-se através da pesquisa participativa, utilizando da análise qualitativa das informações coletadas através de questionários escritos e entrevistas gravadas em áudio e vídeo com 15 professores Terena que lecionavam na escola indígena Lutuma Dias. Também utilizou-se das visitas *in loco* (escola citada) com anotações em caderno de campo. Ao tratar da inserção das tecnologias dentro da escola indígena, os professores perpassaram pela condição de infância e modo de vida da criança indígena, o que auxiliou a compreender o espaço-tempo em que as crianças estão inseridas e os discursos e os mundos culturais que os professores utilizam para a compreensão do que seja a infância.

Durante toda a pesquisa, a convivência dentro do espaço escolar foi bastante intensa, desde o acompanhamento das atividades como reuniões de professores, pais, coordenadores, até as atividades realizadas em sala de aula. Foram realizadas pela pesquisadora, reuniões e oficinas com os professores. Essas oficinas eram componentes de projetos paralelos que abordavam a utilização das tecnologias de comunicação e informação. Os questionários foram aplicados a partir do terceiro ano de pesquisa, assim como as entrevistas gravadas, pois, considerou-se que os primeiros anos foram de adaptação à presença da pesquisadora na unidade escolar, onde posteriormente os professores já se sentiam mais a vontade para oferecer suas entrevistas.

Para a construção deste artigo, busca-se um recorte das entrevistas realizadas com os professores, e informações do caderno de campo, para alçar o objetivo de versar sobre a educação e a infância entre os Terena, já que este tema foi parte de um dos capítulos da tese de doutorado, e que agora, se atravessa neste artigo. Dessa forma, o artigo está subdividido em itens que apresentam desde o espaço geográfico onde a pesquisa ocorreu – a aldeia Limão Verde –, já que considera-se importante localizar o leitor ao ambiente em que as crianças vivem, até a construção da infância

e educação Terena, a partir das falas dos educadores, das nossas anotações de campo e dos estudos teóricos sobre infâncias.

1.1. A Criação da Aldeia Limão Verde

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, “A aldeia Limão Verde existe desde a Guerra do Paraguai (1864) e foi fundada por João Dias, bandeirante paulista que vivia com uma índia Terena” (Oliveira, 1976: 80).

A criação da aldeia também é narrada por Isac Dias, descendente de Lutuma Dias. Segundo Isac, Lutuma era empregado de João Dias, citado por Roberto Cardoso de Oliveira. Nas narrativas de Isac não constam a participação de João Dias como fundador da aldeia, e sim, de Lutuma e sua família (Caderno de campo, novembro 2011).

Isac assegura ainda que alguns Terena vieram do Chaco Paraguaio para o Brasil, com o intuito de fugir de brigas inter-étnicas⁵. Ao chegar ao Brasil, na região que compreende hoje Mato Grosso do Sul, muitos se dispersaram indo trabalhar em regiões diferentes. Os Terena que foram para a região de Aquidauana trabalharam com João Dias, o bandeirante paulista, citado por Roberto Cardoso de Oliveira. Entre eles estava seu avô, fundador da aldeia Limão Verde, que posteriormente levou outros Terena para a região.

Seguindo em seu relato, Isac contou que os Terena começaram a trabalhar por conta própria e logo foram em busca de mais patrícios para atuar nas terras, que estavam sendo habitadas por diversas famílias Terena.

Esses índios ter-se-iam estabelecido primeiro em Miranda e depois desceram até a região de Aquidauana em busca de novos padrões para se empregarem. O nome Limão Verde, diz ele, foi escolhido por causa de um pé de limão que existia na beira do córrego que cruza a área hoje habitada por eles, denominada de córrego João Dias (Narração oral para a pesquisadora, gravado em vídeo em 2005).

A aldeia está localizada no município de Aquidauana em Mato Grosso do Sul. No período de 1950 Cardoso de Oliveira, dizia que “Limão Verde é a única comunidade Terena cujas terras não foram demarcadas e que, apesar de algumas tentativas do Sistema de Proteção ao Índio (SPI) no sentido de reservá-las, continuam a pertencer à municipalidade de Aquidauana” (Oliveira, 1976: 80).

Roberto Cardoso de Oliveira explica que, até os anos 1960, os filhos e netos de João Dias passaram a herdar a chefia tanto do núcleo de Limão Verde como de Córrego Seco, um núcleo que faz parte da aldeia Limão Verde.

A aldeia conta também com o núcleo Buriti e Cruzeiro, formados especialmente por grandes grupos familiares. Residem na aldeia e seus núcleos mais de 1.600 indígenas, segundo os dados apresentados pelo Cacique em 2012 e impresso na placa de identificação da aldeia. Segundo o autor, a composição étnica desta Reserva, naquele período, era mais variada do que Lalima (uma outra aldeia existente na região de Mato Grosso do Sul):

Apenas no núcleo Limão Verde há 10 famílias brasileiras e 2 paraguaias, além de muitos mestiços de origem Terena. Em Córrego Seco, entretanto, só há famílias

⁵ Isaac conta que no Chaco Paraguaio acontecia muitas brigas entre os povos da região, principalmente porque os Terena dominavam a agricultura e tinham facilidade em lidar com os brancos da região.

Terena, com toda certeza devido a sua situação geográfica, mais retirada. (Oliveira, 1976: 80-81)

Isaac Dias afirma que a primeira indicação para a demarcação das terras de Limão Verde aconteceu em 1970 e foi feita por um vereador. Logo a indicação foi encaminhada para o Presidente da Funai, Oscar Jeronymo Bandeira de Mello, que demarcou uma área de 1.750 hectares para os Terena.

A área de Limão Verde passou a ter uma superfície de 5.377 hectares, tendo sua homologação em 10 de fevereiro de 2003. Para essa homologação, Isaac afirmou que houve grande mobilização da comunidade. Dentre as ações, os Terena fecharam, por alguns dias, as pontes que são vias de acesso entre os municípios nas proximidades da aldeia.

Em setembro de 2011, foram reintegrados 392 hectares da Fazenda Santa Bárbara, que desde 1996 estava em processo de julgamento. A área foi declarada terra indígena de acordo com os laudos antropológicos e argumentos apresentados pela Funai.

A liderança da aldeia é composta por cerca de 10 membros, sendo eles um cacique e seus conselheiros (formado geralmente por anciãos da comunidade). As funções de cacique e capitão são exercidas pela mesma pessoa, pois não existe uma diferenciação de ações realizadas por essas duas lideranças.

Participam também dessa composição, outros membros da comunidade, como a direção da escola, representantes de igrejas, presidentes de associações da comunidade, entre outros colaboradores, incluindo aqui, a representação da Comunidade Cruzeiro e do Buriti.

No local, existem duas escolas, sendo uma gerenciada pela Prefeitura Municipal de Aquidauana e a outra pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Ambas as escolas já contam com professores Terenas, sendo a escola de nível Fundamental dirigida e coordenada por Terenas da aldeia. A escola do Estado tem na direção uma não indígena devido às regras aplicadas nas escolas do Mato Grosso do Sul. Segundo essas regras, para ocupar o cargo de direção da escola, o servidor deve ser concursado. Nesse caso, a escola apresenta apenas um servidor concursado que até o presente momento não teria a formação superior necessária para assumir a direção da escola.

Em Limão Verde, a principal fonte de renda é advinda da agricultura, do serviço militar, da changa⁶ e da escola. Alguns moradores da comunidade recebem benefícios governamentais como: cesta básica, bolsa escola, salário maternidade (ajuda de um salário mínimo por um período de quatro meses após o parto, uma vez que é levado em consideração que nesse período as mulheres não podem ir para a roça ou para a feira).

Existem períodos reservados para o bom plantio e a colheita. Esses períodos são regidos pelas fases da lua e pelo ciclo de chuvas. Embora sigam as regras, algumas famílias arriscam plantar fora desses períodos para colher produtos para a venda. Plantam mandioca, feijão, cana, frutas e outros tipos de alimentos que são coletados e vendidos pelas mulheres em feiras de Campo Grande e Aquidauana.

O trabalho de plantio é geralmente familiar. Homens e mulheres vão a roça plantar e colher. Porém, o trabalho de venda é quase exclusivo das mulheres, embora já tenhamos avistado um homem realizando tal função.

⁶ Trabalhos temporários, geralmente nas fazendas que estão na região de Aquidauana.

Ao ir às feiras, as mulheres geralmente levam as crianças menores, ou quando não é possível, deixam com os filhos mais velhos. A renda é toda revertida para o bem estar da família, principalmente na alimentação. Os produtos vindos da aldeia abastecem os mercados da região, sendo enviados a outros Estados quando alcançam uma maior produção.

2. Educação indígena e a Infância entre os Terena

A abordagem da infância entre os Terena na pesquisa perpassou pelas narrativas dos 15 educadores entrevistados que lecionam na escola municipal indígena Lutuma Dias, considerando o fato de que a priori investigamos a utilização das tecnologias de comunicação e informação por estes professores em sala de aula.

Dos quinze professores, dois tinham idade entre 25 a 35 anos; 12, idades entre 35 a 50 anos e um, entre 50 e 60 anos. Três apresentaram ensino médio completo; 2 cursando o ensino superior; 8 ensino superior completo; três especialização e dois, obtiveram o mestrado. Com relação ao gênero, 3 professores são do sexto masculino e 12, do sexo feminino.

Dessa forma, se fazia necessário verificar como os professores⁷ visualizavam a infância Terena, se ela apresentava aspectos diferenciados da infância não indígena, e principalmente, se os estereótipos e discursos que rondam a existência indígena (de que as tecnologias atuavam de forma negativa, destruindo elementos da cultura tradicional), de alguma forma afetavam ou influenciavam esses educadores.

Porém, antes de introduzir as narrativas dos entrevistados, realiza-se uma breve revisão de referenciais teóricos e documentais que nos servem como suporte para abordar a questão da infância e educação entre os indígenas, como segue neste item.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Lutuma Dias, localizada na aldeia Terena Limão Verde - Aquidauana/MS, a educação indígena é aquela recebida pela criança no seio da comunidade e da família. É onde ela aprende e compreende o contexto onde vive e participa das ações comunitárias⁸.

Munduruku (2010) afirma que a educação indígena é muito concreta e ao mesmo tempo mágica. Para o autor, ela se realiza em diferentes espaços sociais –não pode haver distinção entre o dia a dia dos afazeres e aprendizados e a mágica da própria existência que se afirma nos olhos e na busca da harmonia cotidiana.

Munduruku fala da educação do corpo e da educação dos sentidos como sendo princípios da educação indígena:

Aprendemos desde muito pequenos que nosso corpo é sagrado. Por isso temos que cuidar dele com carinho, para que ele cuide de nossas necessidades básicas. [...] a criança entende aos poucos, que em seu corpo o sentido ganha vida e voz. Suas ações são norteadas pelas ausências corporais que precisam ser preenchidas. (Munduruku, 2010: 55)

⁷ A pesquisa se ateve ao diálogo com os professores indígenas, e não alcançou as crianças, pois, tratava-se, entre outros assuntos, de se estabelecer um diálogo com a escola diferenciada indígena, suas legislações, currículos, autonomia e gestão.

⁸ Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Lutuma Dias, elaborado em 2002.

Ainda no contexto da educação dos sentidos, Munduruku narra que educar o corpo é fundamental para dar importância ao seu estar no mundo e a educação da mente é indispensável para estabelecer e significar esse estar no mundo. “Se no corpo o sentido ganha vida, é na mente que esse sentido é elaborado” (Munduruku, 2010: 56).

Cohn ao pesquisar a educação indígena realiza as leituras de Florestan Fernandes e Egon Schaden, destacando o fato de que os autores relatam a educação nas sociedades indígenas e a define “como uma perpetuação da ordem social da educação” (Cohn, 2002: 214). Cohn afirma que o aprendizado teria lugar na participação das atividades cotidianas. Assim toda a ação social é socializadora e deve ser exemplar e modelar, e a participação e a imitação são os mais consideráveis princípios da educação, como afirma Fernandes com relação aos Tupinambá: “Pode-se dizer sem temor de erro, que o aprender fazendo constituía a máxima filosofia educacional dos Tupinambá” (Fernandes, 1976, cit. em Cohn, 2002: 215).

Para Florestan Fernandes essas são sociedades em que as crianças não encontrariam dificuldades para participar das atividades adultas, mais do que isso, “em que seria possível criar um mundo adulto miniaturizado, no qual as crianças adestram-se nas técnicas de produção” (Fernandes, 1976, cit. em Cohn, 2002: 215).

Fernandes afirma ainda que a educação nessas sociedades indígenas é igualitária e comunitária, gerando uma integração gradual, participativa e contínua dos indivíduos, em que todos os integrantes são convertidos em agentes socializadores, onde toda a ação tem uma eficácia socializadora.

Darlene Taukane (1999) escreve que a educação tradicional perpassa a vida inteira de uma pessoa, através de processos de interiorização e transmissão de valores de geração a geração:

A nossa educação se dá através do tempo e do espaço. Desde que acordamos para a clareza do sol, nós aprendemos vivendo. Ela se processa através da participação nas atividades da vida cotidiana, das mais aparentemente insignificantes até as mais sagradas. (Taukane, 1999: 60-61)

Taukane (1999) destaca ainda que os indígenas Kura Bakairi aprendem com os mais velhos, os adultos que têm experiência de vida, imitando e colaborando nas atividades do dia a dia. Florestan Fernandes salienta que nas sociedades indígenas as aptidões individuais são dirigidas à coletividade: “A educação integra e diferencia, simultaneamente, mas diferencia tanto quanto for útil à sociedade, mobilizando, canalizando e utilizando aptidões individuais elaboráveis social e culturalmente” (Fernandes, 1976, cit. em Cohn, 2002: 216).

Sobre essas aptidões, Darlene também enfatiza que, na educação tradicional Bakairi é importante ter o espelho, o exemplo e a prática de vida para a formação de uma pessoa: “investimos nela, no seu futuro, respeitando-se as suas opções individuais, que existe a individualidade, como em qualquer outra sociedade” (Taukane, 1999: 59).

O que se pode observar acerca da educação e infância entre os povos indígenas, a partir dos autores destacados acima, é que é na infância, que as relações que permearão a vida desses indivíduos são construídas. Para isso, os processos de vivência perpassam a convivência comunitária, com animais e a natureza num aprendizado que se caracteriza como socializadora. Antonio (2009: 54) explica essa relação da criança com o mundo ao seu redor, como sendo um elemento desencadeador da

construção da identidade da criança ao longo da vida – nas relações sociais – sendo determinada pelo desenvolvimento das ações que realiza no cotidiano com a família e a comunidade.

A autora reforça que é comum entre os Terena, as crianças realizarem atividades semelhantes aos adultos. Nessa ótica, podemos dizer que a educação é familiar e comunitária, sendo as atividades do dia a dia elementos fortes na formação do indivíduo.

Entre os Terena, as ponderações realizadas pelos autores citados acima, podem ser observadas através da ida às roças, à feira, as brincadeiras com outras crianças e o cuidar de um irmão menor (informações do caderno de campo coletadas em fevereiro de 2013). Nesses momentos, as crianças aproveitam para brincar e observar -assimilam o espaço do trabalho com facilidade e dele, apropriam-se para criar seu lazer e suas relações sociais.

O fato de uma criança maior cuidar de uma menor também é exemplo dessa educação socializadora. Os vizinhos, vez ou outra, estão sempre observando-as, assim como os demais parentes, que estão sempre nas proximidades. Durante as visitas na aldeia Limão Verde, várias dessas atividades socializadoras puderam ser observadas e anotadas no caderno de campo. Entre elas, pode-se dar destaque a presença das crianças nas atividades de prática comum da comunidade, como nas danças tradicionais do Kohixoti Kipaé (dança da Ema) e o Siputrela (dança feminina joga a bunda). As meninas e meninos são inseridos desde pequenos nessas danças, e cuidadosamente são ornamentadas para isso, sendo este um dos momentos de identificação da criança com o seu povo.

Em uma visita a aldeia Limão Verde em abril de 2011, obtivemos uma experiência bastante interessante e particular sobre a formação da identidade durante as danças rituais. Pude observar a participação da minha filha⁹, na época com 4 anos na dança Siputrela em Limão Verde. Algumas mulheres perguntavam no idioma Terena “quem é aquela criança?”, e outras respondiam: “ihíne kipaé” – “é filha de ema”. Isso significa dizer que elas afirmavam que aquela criança era filha da comunidade, era filha de “ema”¹⁰.

A aldeia em seu todo faz parte do espaço de vivência e convivência das crianças Terena durante a infância. O espaço da casa é bastante utilizado, em especial o quintal, ou pátio, espaço de convivência, como explica Sebastião (2012), enfatizando que é nele que se reúnem seus familiares, amigos e agregados para praticarem a tradição.

Ao realizar as entrevistas¹¹ gravadas com os professores Terena da Escola indígena Lutuma Dias, tinha-se duas questões que versavam sobre a educação e infância entre os Terena. A primeira, tratava-se da infância dos próprios professores e o que eles pensam acerca da infância entre os Terena nos dias de hoje. A segunda, dizia respeito ao que eles entendiam como sendo a educação indígena. Para os questionamentos, os mesmos ressaltavam o respeito aos mais idosos e a divisão entre “o mun-

⁹ Minha filha vive em contexto urbano, porém participa ativamente das manifestações culturais e festiva Terena quando está na aldeia.

¹⁰ A ema é um dos animais míticos do Povo Terena. Conta um mito, que ela esta no céu, e quando o mundo acabar, descera para a terra. Essa narrativa foi feita pela minha mãe e posteriormente pelo senhor Isac Dias.

¹¹ As perguntas da entrevista perpassavam pela infância e educação indígena, seguindo para o que eles consideravam como escola diferenciada indígena, educação escolar e educação indígena, materiais didáticos, currículos, dificuldades em se ensinar numa escola indígena e a autonomia diante do Projeto Político Pedagógico e ensino dos conteúdos.

do dos adultos e o mundo das crianças”, como sendo fatores importantes na criação das crianças. É possível descrever essas informações repassadas durante entrevista, nos trechos abaixo:

Nasci e cresci (na aldeia)... muitas vezes os pais nos ensinam a respeitar, não deixava a gente intrometer na conversa dos adultos. (Professor 2, abril de 2013)

É uma educação totalmente diferente das crianças da cidade. As crianças da cidade na sua grande maioria são crianças que têm muitas coisas... eu vejo assim, que a educação das nossas crianças, a educação indígena, com essa interação entre os não índios, isso veio mudando alguma coisa, questão de respeito, valores, por exemplo. (Professor 3, abril de 2013)

...Eu penso que nós temos essa vivência em grupo e é muito bom, a família, essa experiência que a gente tem, a questão da comunidade que a gente tem, esse é o lado bom de estar aqui. Imagina se meus filhos estivessem lá na cidade? Ai você vê a preocupação com o movimento, com a violência... até mesmo você vê a condição na sala de aula, às vezes não é necessário falar alto. (Professora 4, abril de 2013)

Como já citado anteriormente, a criança Terena está presente nas atividades de prática comum da comunidade. Sua educação é realizada no que Florestan Fernandes cita como participação das atividades cotidianas:

O que fundamenta essa afirmação é o estabelecimento de uma relação direta de participação nas atividades cotidianas e a assimilação de valores tradicionais. Estes, por sua vez, são a primeira referência de qualquer ação ou tomada de decisão. (Fernandes, 1976, cit. em Cohn, 2002: 215)

A interação nas atividades cotidianas e a delimitação de espaços da criança no mundo dos adultos (embora estejam sempre próximos no dia a dia), conforme explicam os professores indígenas, foram observadas durante as visitas de campo, durante todo o período de visitas entre os anos de 2010 a 2014. Nesse período era bastante comum ver as crianças próximas das mães ou pais durante os seus afazeres; no fim do dia, nas rodas de Tereré, no pátio das residências e no cuidado do corpo, quando é muito comum, ver as filhas penteando ou limpando o cabelo das mães.

Durante os quatro anos de pesquisa, pode-se perceber alguns aspectos relacionados a coletividade. A integração nas danças tradicionais, momentos de festas comunitárias, nas reuniões e nos roçados, são algumas delas. As ações que são em prol da própria comunidade reúnem sempre um grande número de participantes, entre eles, crianças e jovens.

Em um relato coletado durante a pesquisa, um ancião Terena de Limão Verde, falecido em 2011, ressaltava o orgulho de seus netos cursarem o Ensino Superior. Dizia ele que existia um esforço da família para que todos estudassem e que no futuro eles trouxessem benefícios não só para a família, mas também, para a comunidade (caderno de campo, abril de 2011).

É recorrente ouvir entre os moradores da aldeia essa observação, com relação a pessoas que saem da aldeia para estudar e depois retornam (ou não) para auxiliar os

que ficaram. Esse auxílio pode não ser necessariamente financeiro, mas em forma de conhecimento, de informações acerca do mundo externo e até mesmo de atenção.

No caso dos Terena, observa-se a grande necessidade de ajudar na manutenção da família, que nos moldes Terena, engloba irmãos, tios, primos, netos e pais. Os jovens quase sempre têm liberdade de escolher qual caminho seguir, inclusive com relação à educação formal. Eles optam em frequentar a escola, sendo que muitos deles desistem das aulas e iniciam-se nas changas, atividades citadas anteriormente como fonte de renda da comunidade.

Em conversas informais realizadas durante a pesquisa (Caderno de Campo, Júlio de 2013), as mães dizem também que os filhos só vão para a escola por que são obrigados por elas. A alta desistência dos jovens se dá ao fato da questão temporal, que denominamos dentro da aldeia de “curto prazo” e se relaciona ao tempo indígena de vida, pois as necessidades de sobrevivência são imediatas, e é comum que se pense sempre no dia de hoje, levando em conta as necessidades que são latentes neste momento.

Ainda como informação do Caderno de campo, temos a intervenção de Daniel Munduruku, em palestra proferida em maio de 2012 na cidade de Aquidauana. O escritor indígena explicou que as sociedades indígenas não têm o pensamento fundamentado no futuro; não existe uma preocupação formal com o que acontecerá no futuro, mas sim com o presente e o aprendizado do passado.

Essa explanação de Munduruku foi demonstrada em uma fala de uma moradora, quando ela tentou explicar a questão temporal entre os moradores da aldeia e o fato da evasão escolar ser maior em determinados períodos do ano:

Nós pensamos assim, por exemplo. Veio o projeto do frango. Muitas famílias começaram, mas depois deixaram de lado e voltaram para a roça ou para a changa. Isso aconteceu porque, a galinha demora para crescer e ser vendida. A roça não. As famílias plantam e colhem o ano inteiro espécies diferentes. Na changa, os pagamentos são por dias trabalhados. (Caderno de campo, abril de 2011)

Essa justificativa apresentada por ela pontua a necessidade de muitos desses jovens não poderem esperar formar-se (no Ensino Médio ou na Universidade), para começar a trabalhar, como também, apresenta como esse povo se relaciona com o tempo e o espaço.

Maria Elisa Ladeira (1999) faz uma observação sobre a composição familiar e o tratamento dispensado aos filhos quando esses alcançam a juventude. Ladeira escreve que o Povo Terena tem uma organização extremamente sofisticada e vive hoje em uma retração territorial incompatível com sua vocação de agricultor.

Ressalta ainda que apesar desse fator, os Terena mantêm a reprodução física, com famílias numerosas, sendo essa uma condição necessária para que os Terena possam se reproduzir nos dois mundos: o mundo dos brancos, aqueles das cidades e o mundo dos Terena, aquele das aldeias. Daí a importante função da educação Terena junto aos jovens:

Toda casa mantém alguns dos filhos, se possível de ambos os sexos, vivendo no interior da aldeia e expela alguns dos filhos, para viver nas cidades, de Miranda à Campo Grande, casando-se se possível com os purutuíé. (Ladeira, 1999: 7)

Ao sair, os indígenas que retornam, voltam com a experiência de estar dentro e fora da aldeia. Para uma das professoras entrevistadas, existe muita diferença entre a educação/infância¹² na aldeia e da cidade. Ela argumenta que foi criada na aldeia, quando criança, só brincando:

Aqui na aldeia é totalmente diferente do que lá né (na cidade)? Por que aqui eles perguntam e respondem (os adultos perguntam e a criança responde), lá acho que é outra diferença. (Professora 3, entrevista realizada em abril 2013)

A professora faz referência ao comportamento das crianças com relação à atenção dada ao que lhes é questionado e informado. Para ela existe um respeito ao mais velho, devido a sua posição dentro da sociedade Terena, já que eles são sinônimo de maior sabedoria. Nas palavras dos professores, é possível perceber as relações entre adultos e crianças Terena:

Bem, nós temos um costume de que antigamente os nossos pais nos criavam, nós entendíamos só com gestos, por que era assim que era. E o nossos pais nos criou assim, eles sempre foram, vamos dizer assim, quando era para solucionar algum problema, resolver algum problema eles iam primeiro tipo abrir portas, depois a gente ia já com segurança de que a resolução daquele problema a gente ia conseguir, por que nossos pais já foram na frente e já conseguiram, vamos dizer assim, já pré-elaborado pra gente conseguir. (Professora 4, abril de 2013)

Egon Shaden afirma que a criança indígena age e comporta-se adequadamente porque sua posição social é bem bem definida pelo grupo, e facilmente compreendida por ela. Escreveu Shaden:

Enfim, os valores morais, como também a doutrina religiosa, as crenças mágicas e as ideias míticas se transmitem em grande parte pelo convívio das gerações. Certas tribos possuem [...] uma espécie formal nos ritos de iniciação dos púberes e na preparação para cargos específicos, como o de xamã, ou mais raramente, o de chefe da aldeia. Mas o matrimônio comum das ideias tradicionais recebem-nos os jovens índios pela participação direta na vida dos adultos (Shaden, 1976, cit. em Cohn, 2002: 216)

A proteção por parte das mães e o apego a elas, também é visível:

Você vê que a na educação infantil dentro da área, fica uns vinte dias com os pais dentro da sala, isso é normal. Os professores da Secretaria me disseram que eu não tinha obrigação de aceitar eles, só que de certa forma a gente como Terena, a gente difere essa questão. Eu vi uma matéria que é como se fosse luto, igual o desmame né? Primeiro luto, segundo luto, pior para os pais, é estar afastando dos filhos. (Professora, 5 abril de 2013)

Sobre este fato narrado pela entrevistada podemos perceber a interferência da escola no modo de vida e na educação entre os Terena. Se antes, as crianças com

¹² A educação está imbricada a infância, no contexto de nossas entrevistas, pois tratamos da infância indígena e o processo de educação indígena.

idades entre 6 e 7 anos vivenciavam a vida caseira e a presença da mãe ou algum outro familiar em tempo integral, agora, precisam dividir esse tempo com a escola.

É certo que a escola agora ocupa um espaço importante no tempo-infância Terena. Segundo Antonio (2009) a escolarização sempre foi uma forma de sobrevivência política e para a comunicação com o mundo que os rodeia, daí a importância que se tem dado para as escolas nas aldeias.

Segundo a autora, a escola aparece claramente como “mediação entre um mundo que é trazido na história e relatos orais, e outro mundo que invade todos os espaços, o da televisão e da tecnologia” (Antonio, 2009: 34).

No livro coletivo *Antropologia, história e educação* (2001), Antonella Maria Imperatriz Tassinari fala da escola indígena, durante um encontro entre antropologia e educação, como sendo uma fonte de intercâmbio entre prática e teoria:

É também um espaço de encontro entre dois mundos, duas formas de saber ou ainda, múltiplas formas de conhecer e pensar o mundo; as tradições de pensamento ocidentais, que geraram o próprio processo educativo nos moldes escolares, e as tradições indígenas, que atualmente demandam a escola. Por tais características, que colocam a escola indígena em situações intersticiais, sugiro ser fértil considerá-la, teoricamente, como fronteira, o que poderá ser extremamente útil para compreender melhor seu funcionamento, suas dificuldades e os impasses provocados pelas propostas de educação diferenciada. (Tassinari, 2001: 47)

Existe uma grande preocupação das lideranças em implantar escolas com ensino de qualidade e diferenciada, para que se atenda a necessidade de se aprender as disciplinas convencionais, mas também, perpetuar a cultura Terena através da escola. Isso por que, a instituição de ensino ocupa agora, um espaço dentro do cotidiano dos jovens e crianças, que antes não existia.

Se antes as crianças podiam utilizar seu tempo para as atividades na aldeia, agora, dividem seu tempo com as atividades escolares. Porém, de acordo com os professores indígenas, é comum muitas crianças deixarem de ir à escola para acompanhar as mães nas feiras, ou mesmo, brincar no córrego. A evasão escolar acaba sendo maior, devido ao fato de muitas famílias não verem o espaço escolar como um local importante para as crianças com idades entre 5 a 10 anos, embora todos os anos, professores e coordenadores se mobilizem para a realização de matrículas entre os alunos.

A escola é um tema recorrente nas reuniões de lideranças e educadores, pois, acredita-se que ela deve ser diferenciada, respeitando os aspectos culturais do povo Terena.

Essa menção realizada por Bergamashi é apenas um exemplo de como a escola em área indígena deve se modelar para o atendimento desta diferente infância. Estudos da temática educação e povos indígenas são unânimes e afirmar que a escola deve se inserir no contexto das comunidades indígenas, e não os indígenas se inserir ao padrão das escolas urbanas.

Para nos aproximar mais das implicações que a escola traz no contexto da infância indígena, utilizaremos as falas de alguns professores indígenas da escola Lutuma Dias como interessados.

Para acabar com essas dificuldades e problemas, e alcançar uma escola indígena diferenciada, nas entrevistas gravadas, os educadores dizem ser necessário um extenso diálogo e união entre os próprios indígenas. Essa união seria primordial, para a

legitimação Educação escolar indígena, já que existem atualmente as Leis, porém a prática apresentada ainda é muito diferente do que cada uma delas prevê:

A gente precisa se unir, reformular esse Projeto Político Pedagógico, para a escola indígena, porque ainda não tem. (Professora 4, abril de 2013)

A questão da ementa tinha que ser planejada aqui dentro, sair de dentro para a Secretaria, era eles que deviam estar avaliando e não nós aceitando o que eles estão impondo para a gente. Primeiro, eles tem que ver a nossa realidade, eles falam assim, vocês vão adequar a sua realidade, mas se já vem uma coisa pronta, como você vai né? Então não tem como. Isso é para todas as aldeias. Todas, todas, eles falam que vocês têm que adequar essa atividade para sua realidade, só que sempre estivemos discutindo a ideia; era para partir daqui para a Secretaria e não da Secretaria para a gente. (Professora 5, abril de 2013)

Noto nessas informações que esses professores acreditam na aplicação de características da educação indígena, para a elaboração projeto político pedagógico da escola. Eles propõem um trabalho comunitário, pois o questionamento maior está embasado na ausência da educação indígena como elemento preponderante da escola e essa inserção deve começar a partir da participação coletiva dos próprios educadores indígenas na elaboração de um Projeto Político Pedagógico que realmente contemple a comunidade escolar Terena.

Nota-se no contexto da educação escolar indígena a homogeneização do ensino, o que segundo os relatos dos professores, tem deixado de considerar a identidade e o pertencimento dos indivíduos indígenas com relação a sua própria realidade, o que interfere também no desempenho do professor indígena dentro da sala de aula. Nas narrativas dos professores Terena entrevistados podemos verificar as seguintes afirmações:

Para a escola indígena falta bastante né. A formação dos professores tem que ser de acordo né, com a realidade... acho que todos os educadores sentem dificuldade... não foi ensinado como a gente deve alfabetizar, tem essa dificuldade de alfabetização. (Professora 5, abril de 2013)

A educação escolar ela não foi pensada para nos índios, ela foi pensada assim de forma geral para todo mundo e isso traz assim, trouxe dificuldade, depois de conversa com os colegas foi discutindo estamos num processo de aprendizagem do dia-a-dia, e isso fica, a gente começa a perceber que nos temos que produzir nossos materiais, para dar assim, facilitar nosso trabalho pedagógico dentro da escola. E os colegas que vem, a gente percebe que tem certa dificuldade, a gente vai ajudando e crescer junto. (Professora 3, abril de 2013)

Por fim, questionamos como esses professores acreditam que deveria ser formada a escola indígena, obtendo as seguintes respostas:

Têm muitas coisas do branco, tinha de ser muito mais voltado para a nossa realidade. (Professora 10, abril de 2013)

Já fala né? Tem lei que já fala assim, educação escolar indígena. Não está esse movimento de principal foco, escolar indígena, pois está sem sair. (Professor 12, abril de 2013)

Hoje em dia tem muitas coisas que aqui tem de melhorar né? tipo assim, a merenda escolar que tem muita coisa errada, as merendas, a questão também dos próprios professores, que aqui hoje em dia, tem muitos professores formados na aldeia e que não estão na sala de aula e deveríamos dar prioridade só pra aqueles professores que são aqui da aldeia. (Professor 7, abril de 2013)

Eu acho que para melhorar a gente tinha que fazer um planejamento voltado para nossa comunidade. (Professor 13, abril de 2013)

Mas, tem muito que mudar, os costumes, como trabalhar em sala de aula, por que a gente está trabalhando em sala de aula no jeito dos brancos né, então eu acho que o primeiro momento é mudar isso, a nossa metodologia, como trabalhar. Por que a gente está na aldeia e tem muita coisa rica para trabalhar, por exemplo, a gente vai trabalhar sobre a natureza, apresentar livro. Vídeo é uma coisa diferente; para sair; a escola dar apoio para isso, a gerência principalmente. (Professora 14, abril de 2013)

A educação escolar indígena na nossa escola, ela está bem dizer, não esta bem assim adequado a nossa educação, educação que nos queremos por que a educação escolar indígena nos devemos estudar, por exemplo, o que na nossa aldeia, nós temos, podemos fazer a educação interdisciplinar, porque nos já aprendemos a nossa cultura, a geografia, a matemática, enfim, outros. (Professora 1, abril de 2013)

Muitas coisas, por que muitos dos professores não sabem o que é realmente ter uma escola diferenciada, ter um currículo diferenciado, saber administrar isso para os alunos, abrir os horizontes, por que os alunos hoje, a gente não prepara eles apenas para uma cultura, a gente prepara eles pra transitar tanto na cultura indígena com os de permanecer lá fora, e muito dos professores não criam isso no aluno, por que o primeiro obstáculos que eles tem, eles tem a intenção de desistir já, por que eles não são preparados para os preconceitos que virão, as lutas que eles terão ainda, creio eu que isso falta ainda, por que isso depende de cada professor criar isso nos alunos, esse opinião, ser critico, não aceitar tudo que é imposto, isso desde pequenininho tem de formar na cabeça das crianças, dos alunos principalmente para que futuramente eles possam se defender. (Professora 9, abril de 2013)

Agora meu é diferente, por que língua terena né? Manter a cultura né, só que os conteúdos vem de lá, ai não tem como fazer, por que eles não sabem a realidade aqui de como gente faz pra dar aulas de língua Terena né. (Professora 3, abril de 2013)

Ainda a respeito da escola diferenciada o professor 2 frisa uma questão bastante pertinente no que diz respeito a posição do professor indígena e sua liberdade de atuação para que a escola se torne realmente uma escola indígena:

O respeito do povo local. O respeito aos indígenas professores. O respeito à cultura local. Digo, não tem liberdade de trabalho, em se tratando de sermos indígenas. Digo, vejo que a direção vive trabalhando sob pressão, o que acaba prejudicando o professor em sala de aula. (Professor 2, abril de 2013)

Esse ponto de vista representa o que os professores citaram anteriormente como sendo parte das dificuldades que vivenciaram para terminar seus cursos de graduação e no decorrer da vida escolar fora da aldeia: o questionamento da capacidade. Quando o professor 2 relata a dificuldade em trabalhar, ele aponta que o “ser professor indígena” é superar as imposições de um pensamento colonizador a seu trabalho em sala de aula.

O conjunto de respostas apontam para a perspectiva de que a educação escolar indígena Terena deve promover o trânsito dos estudantes entre os mundos indígenas e não indígena. Os professores apresentam através das respostas a necessidade de fazer com que os alunos tenham capacidade de assumir postos de trabalhos fora das aldeias, mantendo a identidade indígena. Isso aconteceria através do conteúdo interdisciplinar e do próprio reconhecimento do espaço em que vivem, tanto em termos geográficos, como cultural.

Esse reconhecimento geográfico se daria através da visualização da aldeia e seus elementos naturais, assim como a cultura, vista a partir da vivência oferecida pela escola e pela comunidade de forma integrada.

Também verifica-se que anseiam pela construção de currículos, projetos políticos pedagógicos e materiais didáticos que contemplem tanto as disciplinas componentes da educação escolar formal, quanto o aprendizado da educação Terena, e que na prática, possam ser utilizados integralmente, pois como veremos no próximo item, existem ainda grandes diferenças entre o que se pensa para a escola indígena e sua aplicação prática.

Outro fator de grande interesse dos professores é fazer com que a escola esteja de forma saudável, envolvida na infância Terena, pois, os mesmos reconhecem que ao adentrar ao espaço escolar a criança deixa de praticar ações que fazem parte da cultura indígena, pois, deixar o contexto familiar, para se compenetrar ao universo da educação formal, cerca de 5 horas por dia.

Assim como a presença da escola, tem sido um fator que influencia no modo de criação entre os Terena, a televisão, brinquedos industrializados e jogos eletrônicos também têm surtido efeito na educação desse povo. A presença dos eletrônicos em algumas residências tem ocupado o tempo em que as crianças em outras situações estariam brincando no córrego ou na presença dos pais, avós e dos irmãos.

Embora não tenha detectado uma grande adesão das crianças menores de 10 anos aos aparelhos eletrônicos, pudemos constatar durante os quatro anos de pesquisa de campo, a grande força que a presença da televisão e da internet exerce sobre os adolescentes, já que era comum ao percorrer a aldeia, verificá-los assistindo tv ou utilizando os computadores e celulares

Na aldeia, várias casas contam com internet a rádio e a grande maioria, já contém televisão. Essa presença eletrônica também acaba por interferir em hábitos da educação dos jovens, pois, o uso das tecnologias de informação e comunicação agora também fazem parte das atividades rotineiras da casa, pois agora se preocupam com a vida virtual e todos os novos costumes apresentados por ela.

Sob a ótica da aquisição de elementos culturais externos, vemos também uma grande influência estética no comportamento e vestimentas desses jovens. Roupas

que mesclam o sertanejo local, com as tendências apresentadas pelos grandes centros e jogadores de futebol. Gostos musicais que variam dos tradicionais chamamé, vanerão e músicas sertanejas, às batidas eletrônicas.

A presença desses estímulos externos acaba por ocupar espaços na formação do mundo cultural desses jovens e crianças, já que muitos dos elementos da cultura tradicional acabam não sendo repassados da forma como acontecia há algumas gerações¹³.

Com o envolvimento dos pais e da comunidade com esses artefatos eletrônicos¹⁴, essas crianças crescem em meio a diversos elementos da cultura tradicional e da cultura não indígena como referência Cohn (2000) ao dizer que entende que a educação é um processo pelo qual a criança indígena entra em contato, aprende e aceita as normas de comportamento aprovadas pela tradição, no decorrer e em paralelo o seu desenvolvimento psíquico, de modo que se adéque ao ideal social de natureza humana.

Já Fernandes (1976) faz uma reflexão acerca da educação nas sociedades indígenas, onde cita que essas seriam sociedades onde existe um caráter tradicionalista com a função de perpetuação da ordem social da educação. Fernandes cita que a sociedade tradicionalista privilegia o que se repete e mesmo com a criatividade e a inovação tem a função de perpetuar a ordem social surgindo, portanto já como tradição.

Posso destacar a fala de Fernandes para compreender que, mesmo com a presença dos elementos (tecnologias de comunicação e a própria escola) não pertencentes à raiz cultural dos Terena a ordem social continua sendo ensinada e respeitada. Crianças e jovens sabem da existência de momentos de ações comunitárias, da autoridade das lideranças e do respeito pela fala dos idosos. Aprendem que a sua participação no contexto comunitário lhe dará suporte para ações futuras e, principalmente, que devem seguir as normas internas de convivência para poderem continuar vivendo dentro da aldeia¹⁵.

No âmbito da espiritualidade, vemos uma grande variação: a presença de igrejas protestantes e católicas ocupam o espaço que antes pertencia a cosmologia Terena em muitas comunidades, sendo este o caso da aldeia Limão Verde.

Em tempos remotos, desde a infância as crianças eram destinadas ao xamanismo, sendo que meninos e meninas, podiam exercer essa função. Durante conversa com koixomonetis (xamãs) de outras aldeias, o relato informava que o filho ou filha mais velha geralmente era quem recebia o dom do poder espiritual. Durante essa mesma visita não encontrei nenhum indício de crianças que estivessem sendo preparadas para exercer tal função, sendo o nosso principal diálogo realizado com uma koixomoneti no distrito de Taunay - Aquidauana/MS e sua aprendiz, que já era uma pessoa adulta (Caderno de campo, 2013).

¹³ Faço aqui uma alusão ao fato de que as histórias, antes do domínio pleno da escrita pelos Terena e da inserção das tecnologias, eram narradas por um adulto. A primeira escola da aldeia, segundo dados levantados na nossa pesquisa, atuava de forma oral. O professor repassava seus conhecimentos oralmente e ensina de forma mais lenta, os alunos a escreverem palavras em português. O idioma também era ensinado dentro das residências e hoje, muitas famílias deixaram de falar o Terena, ficando a função de ensinar a língua, exclusivamente para a escola.

¹⁴ Trato como envolvimento a aquisição das parabólicas, tv, computadores, que geralmente são feitas pelos pais.

¹⁵ Sobre as normas internas de convivência, a aldeia Limão Verde, assim como outras aldeias Terena, exigem condutas e posturas de convivência de seus moradores. Essas normas baseiam-se na boa convivência entre todos os indivíduos, tendo como punição àqueles que não cumprem tais regras, o afastamento da comunidade. Esse poder de decisão é dado ao cacique, que junto com o conselho tribal, decide como deve ser mantido a tranquilidade na aldeia.

Esse contato nos demonstrou que os ensinamentos pode ser repassado em qualquer tempo, para pessoas que possuam uma predisposição ao aprendizado. Por fim, ressalto a presença e o papel desempenhado pelos idosos na educação das crianças. Nessa pesquisa realizada entre os Terena de Limão Verde, é possível afirmar que o conhecimento desses idosos continua sendo respeitado.

Vemos que as pessoas que saíram da comunidade para aperfeiçoamento educacional, retornam conscientes da importância dos anciãos e dispostos a manterem a ordem social, onde o poder de ação das lideranças e o aconselhamento dos idosos se faz presente nas decisões estratégicas que darão encaminhamento para o futuro da comunidade ou mesmo de sua vida profissional. Ao finalizar este artigo, destacamos as falas de um professor residente na aldeia Limão Verde que sintetizam alguns dos principais aspectos diferenciadores da educação entre os Terena:

Somos calmos, vivemos um tempo diferente, não há preocupações entre nós, estamos sempre andando um pouco mais devagar, porém aproveitando o máximo de tempo que temos, principalmente quando crianças e jovens. Queremos aproveitar tudo, sem ter a responsabilidades de fazeres e horários. Isso não é ruim, é bom, mas temos de viver novos tempos. O branco – já nasce preocupado com as contas, vive pensando no final do mês, vive no stress do dia a dia, quando criança, o mais importante para os pais é ir para a escola e aprender a ler e escrever, antes de idade certa vive, já na responsabilidade de um adulto. Isso não é ruim, é bom. Mas já nascem vivendo um novo tempo. O que diferencia os terenas dos brancos é o modo de vida. (Professor 2, abril de 2013)

Por fim, cabe ressaltar que um dos aspectos relevantes ao se pensar a infância indígena Terena está bem calcado na fala apresentada acima. Ao dizer que o que diferencia os Terena dos brancos, é o modo de vida – a relação com o tempo, certamente, podemos aplicar essa afirmação à infância indígena. A criança Terena está no espaço-tempo da sua comunidade, embora esse tempo tenha sido cruzado com o tempo da escola. Isso por que se antes ela tinha um tempo para realizar suas ações, agora delimita-se este espaço para que ela se envolva com a educação formal. Ela agora sabe que a partir de determinada idade, irá interromper o espaço-tempo das relações com a família, comunidade e o meio ambiente em que vive, para adentrar ao espaço-tempo da escola e absorver conhecimentos distintos.

Porém, mesmo com esta nova estrutura do tempo-espaço, não existe a expectativa de que a infância Terena se calque no modo de vida das cidades, e do branco, como costumam falar os professores, pois não é a intenção da comunidade que o Terena já nasça preocupado com as contas, viver pensando no final do mês, que a criança, viva cada momento na idade certa, sem assumir as responsabilidades de um adulto.

3. Considerações finais

Entre os anos de 2010 e 2014 adentramos ao espaço escolar da Escola indígena Lutuma Dias, localizada na aldeia Terena Limão Verde, localizada no estado de Mato Grosso do Sul. Esta experiência colocou-nos frente ao modo de vida do povo Terena, em especial a presença da criança. Perceber como o professor Terena visualiza a

infância e a criança do seu povo, fez-se primordial para problematizar a presença da escola em áreas indígenas e como as crianças eram visualizadas dentro da estrutura organizacional deste povo indígena.

As considerações que se realizam neste momento, dizem respeito diretamente ao que se pode pensar sobre as diferentes infâncias. Percebe-se que a vida da criança Terena está estreitamente ligada ao contexto familiar, práticas comunitárias e exploração do ambiente em que vivem, através de suas brincadeiras e atividades cotidianas. Córregos, plantações, regiões de morrarias, são exploradas constantemente pelos meninos e meninas, sendo parte de uma educação dos sentidos para a apreensão das dificuldades, limitações físicas e brincadeiras.

O espaço familiar é movido pela rotina junto aos adultos e irmãos, não sendo as famílias Terena nuclear – pais, mães e filhos. Outros membros fazem parte da família, como avós, tios e primos. Essa reunião de pessoas fazem com que a criança desenvolva relações sociais baseadas na convivência e na experiência da vida conjunta.

No âmbito da comunidade, acompanham as ações coletivas, participam das festividades ritualísticas, momentos de negociações políticas e outras ações que fazem do coletivo o espaço de observação do mundo que os rodeia.

Ao reconhecer as peculiaridades da infância Terena, professores da Escola Municipal Lutuma Dias, militam em prol de uma escola diferenciada e indígena que contemplem as práticas cotidianas de seus alunos, enquanto Terena. Pode-se observar que eles tem pleno discernimento do que é a educação Terena e a educação escolar e que ambas, precisam se interligar, respeitando espaços e construindo a escola indígena almejada por eles: que agregue conteúdos e disciplinas que reflitam o espaço-tema das crianças Terena ao mesmo tempo que traga o aprendizado proposto no currículo da educação escolar.

Observar todo esse mundo cultural da infância Terena é essencial para que possamos verificar como as influências externas e elementos que adentram as comunidades irão integrar a vida da criança. Neste caso, pensamos a presença da escola, como um elemento externo que tornou-se importante para muitos adultos, em especial os idosos e lideranças, mas ainda busca a atração das crianças.

4. Refêrencias bibliográficas

- Antonio, N. L. (2009.). *Raízes na língua: identidade e rede social de crianças Terena da escola bilíngüe da aldeia Bananal*. Dissertação de mestrado, Campo Grande: UCDB.
- Bergamashi, M. A. (2013). *Cotidiano das Escolas Mbyá-guarani, Seminário Momentos e Lugares da História e da Educação Indígena*. São Paulo, PUC/SP.
- Bittencourt, C. M., Ladeira, M. E. (2000). *A História do povo Terena*. Brasília: MEC.
- Cardoso, W. D. (Terena) (2004). *Aldeia Indígena De Limão Verde: Escola, Comunidade E Desenvolvimento Local*. Dissertação de mestrado, Campo Grande: UCDB.
- Cohn, C. (2002). A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. En A. Lopes da Silva, A. V. L. S. Macedo, A. Nunes (Eds.), *Crianças indígenas. Ensaios Antropológicos* (pp. 213-235). São Paulo: Global.
- Fernandes, F. (1976). Aspectos da educação na sociedade Tupinambá. En E. Schaden, *Leituras de etnologia brasileira* (pp. 63-86). São Paulo: Companhia Editora nacional.
- Fialho, C. F. (2010). *O percurso histórico da língua e cultura terena na aldeia Ipegue/ Aquidauana/MS*. Dissertação de Mestrado, Campo Grande: UCDB.

- IBGE, *Censo demográfico 2010* (en línea). <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&view=noticia>, acceso 2 de julio de 2014.
- Ladeira, M. E. (1999). *O uso da língua Terena segundo uma análise macro sociolinguística*. Anpocs.
- Munduruku, D. (2010). *Mundurukando*. São Paulo: ed. Do autor.
- Oliveira, R. C. (1976). *Do Índio ao Bugre*. São Paulo: Francisco Alves.
- Sebastião, L. (2012). *Seno Tênenoe: Kixoku Ko 'Ítukeyea Mekuke Yoko Kó'Oyena Xapa Viyé-no Yoko Nâti*. Dissertação de mestrado, São Paulo: PUC/SP.
- Schaden, E. (1976). *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora nacional.
- Taukane, D. I. (2001). Avanços e impasses na educação escolar indígena: a experiência Kurâ-Bakairi. En J. Veiga, A. Salanova (Orgs.), *Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola* (pp. 12-23). Brasília: FUNAI/DEDOC.
- Tassinari, A. M. I. (2001). Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. En A. Lopes da Silva, M. K. L. Ferreira (Orgs.), *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola* (pp. 44-70). São Paulo: Global.